

O mundo é «enrugado»: as cidades e os seus múltiplos territórios

Renato Miguel do Carmo
CIES-ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa

Gostaria de agradecer os comentários ao texto elaborados pelo Prof. Doutor João Ferrão e pela Dr.ª Ana Soares, assim como aos organizadores do *workshop* por todo o apoio concedido e pelo sucesso da iniciativa.

Este pequeno texto resulta de um exercício de reflexão (de carácter experimental) sobre o modo como as ciências sociais, particularmente a sociologia, têm interpretado e representado a composição sócio-espacial das cidades. Trata-se de um ensaio sobre o uso (e algum abuso) das metáforas como meio de identificar e de classificar determinados fenómenos sociais, sejam eles de mudança ou de continuidade.

O recurso a uma metáfora está longe de ser um acto neutral. Qualquer metáfora pode ser intrinsecamente redutora, ao tentar condensar determinada realidade numa dada imagem ou expressão. A história do pensamento social está inundada de usos mais ou menos recorrentes a metáforas que procuram ilustrar esta ideia ou aquele conceito. Na verdade, se, por um lado, estas são relativamente eficazes a condensarem uma certa mensagem, por outro, são potencialmente coercivas porque impõem uma visão do mundo sobre outras tantas perspectivas possíveis. Por vezes, abusa-se do significado que uma metáfora pode produzir, tornando-a, por essa via, num factor de imposição (até simbólico) que facilmente se transforma em dogma. Não são raras as vezes que a ciência depara com certas encruzilhadas, nas quais nem sempre é fácil decidir o que se ganha ao reduzir uma nova teoria a uma única imagem (ou a um único símbolo), não prevendo as consequências analíticas que podem advir da pretensão de aglutinar o mundo (e, por vezes, o universo) numa só metáfora.

Um dos assuntos que mais têm sido alvo de um certo abuso na utilização das metáforas, particularmente no caso das ciências sociais, talvez seja o modo como se tem perspectivado a composição e organização espacial e temporal das sociedades (Carmo, 2006). Isto não acontecerá por mero acaso. Por exemplo, o espaço remete-nos para uma dimensão física, para uma dada matéria. No entanto, apesar de palpável, esta pode assumir formas tão

diversificadas e inesperadas que nem a mente mais criativa se arriscaria a conceber. Veja-se, no caso da física, até onde vai a representação da matéria: do buraco negro, que fundou o universo, à partícula mais microscópica. Mas veja-se também, no caso do universo dos homens, como evoluíram todas as formas espaciais e como se projecta que estas possam vir a ser num futuro próximo. Quem poderia imaginar nos tempos idos das cidades medievais que algumas destas se iriam transformar em urbes gigantescas habitadas por milhões de pessoas? Quem poderia projectar que o espaço-matéria das actuais cidades fosse capaz de se moldar em tantas formas nunca antes vistas?

À escala da humanidade, as cidades representam autênticos buracos negros dos quais despontam universos em expansão. Cá está uma bela metáfora! Que nos induz a imaginar as cidades como produtoras de matéria que se expande numa diversidade exponencial. Na verdade, não há equação matemática que possa sintetizar numa só expressão todos esses complexos processos. E ainda bem que assim é! Por isso, teremos de procurar as melhores metáforas...

Todavia, as metáforas não têm todas o mesmo efeito. Se umas abrem horizontes de possibilidades ao pensamento e à reflexão, outras há que teimam em encaixar o mundo em certos coletes de força que a prazo se tornam insustentáveis e passíveis de serem reformulados. Surgem assim leituras sobre o espaço-tempo que, ao invés de abrirem horizontes, o encerram numa dada ideia final. Metáforas que, por exemplo, profetizaram o fim da história (ou o fim do tempo) (Fukuyama, 1992) ou anunciaram que o mundo se tinha transformado num imenso plano (Friedman, 2005), tiveram como efeito a imposição de uma determinada concepção do mundo e, mais concretamente, de uma dada leitura sobre a globalização.

Na verdade, com a intensificação da globalização e a generalização do capitalismo financeiro (sobretudo a partir dos anos 80 do século passado) anunciaram-se um conjunto de mudanças segundo as quais o espaço tenderia a comprimir-se e a esvaziar-se nas sociedades contemporâneas, sendo gradualmente substituído pela generalização dos fluxos e das redes electrónicas. O mundo não só se tornaria cada vez mais plano e comprimido, como a crescente velocidade anularia a experiência concreta do lugar, que tradicionalmente ancorava o conteúdo das interacções e relações sociais. Por intermédio de processos difíceis de interpretar e de explicar, facilitados pelo recurso às metáforas, o espaço caminharia para a sua imaterialidade de tal modo que a circulação dos fluxos num imenso plano sem atritos se transformaria, simultaneamente, na inevitável realidade para a circulação das próprias

pessoas. Elas circulariam pelas redes sem qualquer tipo de limite, seja por meio da internet, seja pela facilidade de levantar voo e de se movimentarem pelos milhares de aeroportos disponíveis por esse planeta fora. Um espaço plano e sem história! Eis o admirável mundo novo a acontecer agora... o mundo projectado a partir do prenúncio poderoso de certas metáforas.

Do ponto de vista sociológico, algumas perspectivas teóricas, encabeçadas por autores como Ulrich Beck e Zygmunt Bauman, contribuíram de certa maneira para esta anulação do espaço enquanto dimensão a ter em conta, na medida em que deram primazia aos factores de descontextualização das relações e até dos processos sociais. A metáfora proposta por Bauman (2000; 2006), que assinala a mudança ocorrida na modernidade, supostamente sólida, para o seu estado líquido, representa um bom exemplo do efeito bloqueador de uma visão que pretende englobar uma imensa complexidade numa única expressão: a *modernidade líquida*. Escusado será dizer que, segundo esta concepção, o espaço tende a perder importância na interpretação sociológica, transformando-se numa entidade neutral, sem identidade e quase sem história.

E se, em vez de as refutarmos à partida, jogássemos um pouco no tabuleiro da metáforas... Se as tomássemos a sério e as levássemos até às últimas consequências, poderíamos concluir que a generalização de um espaço plano no qual desagua uma sociedade cada vez mais líquida teria como consequência o aumento exponencial da liberdade de circular e interagir. Assistiríamos a uma convergência nas condições sociais (e materiais) dos indivíduos, na medida em que estaríamos perante processos universais, facultando-lhes a liberdade de poderem direcionar o sentido dos seus fluxos e trajectos. Caminharíamos assim para uma sociedade de indivíduos livres das tradicionais amarras sociais. Indivíduos sem classe social, sem identidade local, etc.

É claro que os próprios autores não se reconhecem neste absurdo. As metáforas não se podem levar até às últimas consequências, senão correm o risco de se tornarem absurdas. Todavia, isso não invalida a crítica sobre as consequências, na análise sociológica, de algumas perspectivas que enfatizaram sobremaneira o impacto de certos processos nas sociedades contemporâneas, como a questão da «individualização» (Beck e Beck-Gernsheim, 2002). Não há dúvida de que a «liquidificação» de algumas estruturas mais sólidas, aliada à uniformização de um espaço-mundo tendencialmente plano, provocaria um incremento da individualização. No entanto, o que se tem verificado, sobretudo nesta última década, contesta em parte a generalização destas disposições recorrentemente proclamadas.

Por mais absurdo que possa parecer continuarmos este jogo das metáforas, poderíamos retomar novamente aquela que indicámos uns parágrafos mais atrás: sobre a capacidade de as cidades produzirem uma multiplicação desenfreada de matéria (ou, se quisermos, de espaço). Verificámos que a relação entre a composição dos territórios e a vida que as pessoas levam é muito mais complexa do que a descrição de certos estados mais líquidos ou mais sólidos nos permitem supor. A produção do espaço raramente deriva de processos lineares e antecipados (Lefebvre, 1974). Pelo contrário, estes muitas vezes produzem formas inesperadas e paradoxais. As cidades são a expressão mais representativa da produção de espaços inesperados, que teimam em desmentir os apriorismos que apontam para certos desenlaces a ocorrer em futuros próximos.

Estas «novas» formas não se impõem às anteriores, sobrepondo pela sua força uma substituição que levará à sua completa anulação. O espaço das cidades não funciona por sobreposição de camadas, como se o líquido pudesse só por si dissolver o sólido. Em nosso entender, a produção do espaço gera tensões, em que o mais recente não substitui pura e simplesmente aquilo que já lá estava e que o antecedeu. A produção do espaço é um processo em tensão, cujos resultados são em muitos casos inesperados e contraditórios.

Continuando a jogar... Pensamos que é pertinente avançar para uma diferente visão das cidades (e dos seus territórios), perspectivando-as como espaços «enrugados» no interior dos quais se desencadeiam processos contraditórios que coexistem em constante tensão. O enrugamento resulta dessa perene tensão geradora de irregularidade e também de imprevisibilidade (Carmo, 2009).

A globalização não pode ser vista simplesmente como um fenómeno da ordem dos fluxos e dos circuitos electrónicos, como se estes não tivessem um impacto considerável nos territórios e na vida quotidiana das pessoas. No que concerne particularmente aos sectores económico-financeiros, observa-se uma estreita correspondência entre a configuração das redes, por onde circulam as transacções, e a própria composição morfológica das cidades mais preponderantes e ricas do mundo. Como refere Manuel Castells (2003) na sua conhecida análise sobre a sociedade em rede, as mais importantes cidades são aquelas que têm a capacidade de aglutinar e ancorar a direcção de muitos desses fluxos. Segundo a sua terminologia, a rede é constituída por nódulos (ou nós) que estão na maior parte situados nas grandes cidades (Nova Iorque, Londres, Tóquio, Paris, Berlim, Pequim, São Paulo, etc.). O exemplo mais paradigmático revela-se na localização das maiores praças financeiras, mas

também poderíamos referir os mais importantes centros de negócios, os centros de produção de conhecimento e de informação, etc.

De facto, os territórios não só não são imunes aos fluxos, como entre estes se gera uma tensão acrescida que se manifesta concretamente na produção do espaço. Ou, dito de outra maneira, estabelece-se uma relação entre a extensão do espaço imaterial (o espaço dos fluxos) e a expansão do espaço-matéria. Não é por acaso que emerge novamente, no decorrer deste texto, a metáfora do buraco negro que cria um universo em expansão. Aliás, não deixa de ser curioso observarmos que neste jogo entre metáforas surge-nos recorrentemente a imagem do «buraco» que interpela a do «plano».

Se a metáfora do espaço-plano nos tenta convencer sobre a generalização de uma globalização sem fronteiras que cria condições para a liberdade de circulação, já a figura do buraco nos induz a um espaço assimétrico constituído, nomeadamente, por diferentes tipos de desigualdade social. Ambas as concepções revelam processos antagónicos, mas não necessariamente alternativos. Aliás, é no seio das cidades, no turbilhão diário dos seus movimentos e trajectos, que se desenrolam estas e outras formas complexas de espacialidade.

A desigualdade é talvez a expressão mais marcante desse espaço irregular que não cessa de se expandir. Muitos têm sido os debates entre sociólogos e geógrafos sobre os efeitos da globalização nas cidades mais importantes do mundo. Por exemplo, alguns estudos sobre cidades como Nova Iorque ou Londres (Mollenkopf e Castells, 1992; Massey, 2007) têm alertado para essa forte disparidade, que se tem acentuado recentemente, entre, por um lado, os factores de modernização provocados fundamentalmente pelo incremento da sociedade em rede e pela contínua abertura e integração dos mercados financeiros e, por outro lado, a intensificação da polarização social entre a população que habita a própria cidade. Ou seja, as cidades que mais se densificam não só em termos demográficos, mas sobretudo no que diz respeito à produção e aglutinação de fluxos, são também as que mais parecem sofrer de processos de maior polarização social e espacial (Sassen, 2000).

Esses processos, que têm sido bem identificados pela sociologia urbana, derivam em parte de uma tensão profunda originada entre as dinâmicas de crescimento económico e financeiro, que se verificam nas maiores cidades do mundo ocidental, e a consequente intensificação das assimetrias sociais expressas no aumento das desigualdades entre classes sociais diferenciadas e nalguns casos em forte recomposição.

Paradoxalmente, parece que a suposta universalização do espaço-plano contribuiu para a amplificação do próprio buraco. Por mais absurda que possa parecer esta observação,

ela significa o culminar deste jogo entre metáforas: o plano e o buraco anulam-se mutuamente. Isto acontece porque, em parte, um é condição do outro. Na verdade, a produção do espaço tende a ser resultado de uma tensão entre dinâmicas contrárias e, em muitos casos, antagónicas, e não tanto de uma mera oposição de alternativas que se excluem (Carmo, 2009).

Como referimos anteriormente, as metáforas não servem para ser levadas até às últimas consequências. E, se desejarmos jogar no seu tabuleiro, temos de o fazer com a devida cautela, pois é fácil enredarmo-nos na beleza de uma ideia que se faz transmitir por meio de uma imagem forte e apelativa.

As cidades constituem-se por fenómenos complexos, são sem dúvida um dos fenómenos mais extraordinários inventados pelo homem e, talvez por isso mesmo, não cessamos de nos surpreender com os seus encantos e também com os seus lados mais perturbantes e brutais. As cidades têm a particularidade de condensar todas as contradições inerentes à condição humana, comprimindo-as em perímetros de um espaço geográfico limitado. Daí que se multipliquem as metáforas sobre as cidades e os seus territórios.

Neste nosso pequeno texto não nos acanhámos em propor também uma imagem: a de um espaço enrugado que produz múltiplos territórios. Tal como muitas outras, esta é mais uma metáfora. Mas, ao contrário de algumas que tentam encerrar a realidade numa geometria invariável, propomos uma perspectiva que abre horizontes e que pode estimular o debate. No fundo, talvez seja essa a função primordial das metáforas, a de serem rampas de lançamento para o trabalho científico e não meros pontos de chegada que direcionam logo o destino a tomar pelos próximos futuros.

Por isso, mãos à obra! É fundamental «descer» aos territórios concretos e estudá-los a partir da materialidade física e social dos seus próprios contextos. Sem com isto nos esquecermos de regressar à produção ou à reconfiguração das imagens fortes com capacidade de desocultar as irregularidades inesperadas (sejam planas e/ou assimétricas), que constituem a própria vida das cidades. É dessa tensão, entre a imersão na realidade e a projecção de uma ideia (ou de uma metáfora), que se constrói o trabalho científico apto a abrir horizontes.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt (2006): *Confiança e Medo na Cidade*, trad. de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Relógio d'Água.
- BAUMAN, Zygmunt (2000): *Modernidade Líquida*, trad. de Plínio Dentzien, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- BECK, Ulrich e BECK-GERNSHEIM, Elisabeth (2002): *Individualization: Institutionalized Individualism and Its Social and Political Consequences*, Londres, Sage Publications.
- CASTELLS, Manuel (2003): *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CARMO, Renato Miguel do (2009): «Do espaço abstracto ao espaço compósito: reflectindo sobre as tensões entre mobilidades e espacialidades», in Renato Miguel do Carmo e José Alberto Simões (org.), *A Produção das Mobilidades. Redes, Espacialidades e Trajectos*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, p. 41-55.
- CARMO, Renato Miguel do (2006): *Contributos para uma Sociologia do Espaço-Tempo*, Oeiras, Celta Editora.
- FRIEDMAN, Thomas L. (2005): *O Mundo é Plano: Uma História Breve do Século XXI*, trad. de Carla Pedro, Coimbra, Almedina.
- FUKUYAMA, Francis (1992): *O Fim da História e o Último Homem*, trad. de Maria Goes, Lisboa, Gradiva.
- LEFEBVRE, Henri (1974): *La Production de l'Espace*, Paris, Éditions Anthropos.
- MASSEY, Doreen (2007): *World City*, Cambridge, Polity Press.
- MOLLENKOPF, John H. e CASTELLS, Manuel (ed.) (1992): *Dual City*, Nova Iorque, Russel Sage Foundation.
- SASSEN, Saskia (2000): *Cities in a World Economy*, 2.ª ed., Thousand Oaks, Pine Forge Press.